



<https://dx.doi.org/10.35499/tl.v19i2.24711>

NARRATIVAS ORAIS EM EPISÓDIOS DE PODCAST: UM TRABALHO COM GÊNERO ORAL EM SALA DE AULA

ANA CAROLINA DOS SANTOS MARQUES*

 <https://orcid.org/0009-0008-5035-9659>

CAROLINA SCALI ABRITTA (UERJ)**

 <https://orcid.org/0000-0001-7638-7764>

LÍVIA MIRANDA DE OLIVEIRA (UFS)***

 <https://orcid.org/0000-0001-8180-0242>

RESUMO

A narrativa oral vem sendo apontada por alguns estudiosos como recurso argumentativo relevante para participantes de atividades tão distintas como debates orais em sala de aula e audiências de conciliação. No presente texto, pretendemos mostrar como esta estrutura da língua emerge articulada às falas de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, quando desenvolvem, em sala de aula, o gênero podcast. A partir da transcrição e da análise qualitativa e interpretativista de dados de quatro episódios, vieram à tona questões da ordem da organização estrutural do texto oral comuns aos podcasts discentes. Todos os episódios apresentavam, na definição do tema e no aprofundamento do assunto, o uso comum de sequências de fala sob a forma de narrativas breves. Além disso, os dados apontaram a emergência destas narrativas como recurso argumentativo, servindo à fala discente para sustentação de seus posicionamentos. Estes dados nos mostram a importância do desenvolvimento de pesquisas com argumentação oral em sala de aula. Demonstram também a contribuição da Análise de Narrativa no contexto escolar e ainda apontam para as descobertas de que o desenvolvimento de uma escuta docente mais sensível às breves histórias contadas em sala de aula pode emergir no desenvolvimento do trabalho com gêneros orais.

Palavras-chave: Gênero oral. Podcast. Narrativa. Argumentação. Sala de aula.

* Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROFLETRAS-UERJ). Professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ana_carolmarques@hotmail.com

** Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: carolabritta30@gmail.com

*** Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: liviamirandaoliveira@academico.ufs.br

ABSTRACT

ORAL NARRATIVES IN PODCAST EPISODES: A PROJECT WITH THE ORAL GENRE WITHIN THE CLASSROOM

The oral narrative has been highlighted by some researchers as a relevant argumentative resource for participants in such distinct activities, from oral debates within the classroom to conciliation hearings. In the current paper, we aim at showing how this language structure emerges when articulated to the speech of Year 9 students from Basic Education, as they develop, in the classroom, the podcast genre. From the transcription and the qualitative and interpretative analysis of the data from four episodes, we came across questions concerning structural organization order of oral texts common to the educational podcasts. Every episode presented, at the definition of its topic and the development of its subject matter, the common use of short narratives as speech sequences. Furthermore, the data indicated the emergence of these narratives as argumentative resources, supporting students' speech in sustaining their points of view. These findings highlight the importance of conducting research with oral argumentation in the classroom space. Additionally, they demonstrate the contribution of Narrative Analysis within the school context and also point to potential insights that may arise from the development of a more sensitive teaching practice toward the brief stories shared in class, especially in the forming of work with oral genres.

Keywords: Oral genre. Podcast. Narrative. Argumentation. Classroom.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O *podcast* consiste em um conteúdo em áudio que pode ser disponibilizado por meio de um arquivo ou de um serviço de *streaming* (transmissão de conteúdo pela internet) e consumido sob demanda, isto é, no momento em que usuário desejar. Sobre a origem do termo, Athouguia e Dias (2018, p.22-23) elucidam:

o acesso facilitado às tecnologias tem favorecido a difusão de ideias e pensamentos por pessoas comuns, através do compartilhamento e distribuição de arquivos pela internet. O podcast é o arquivo de áudio gravado com vistas à sua divulgação, e o videocast, a mensagem em vídeo, também destinado à difusão. Por sua vez, o termo podcasting refere-se ao ato de difundir esses áudios e/ou vídeos pela internet. Já Broadcast é um termo do inglês, que traduzido significa difundir ou radiodifundir. Ele faz referência às

transmissões, sejam estas de rádio, televisão e até mesmo de alto-falantes. Foi com o surgimento do aparelho da Apple, o iPod, que possui a função de tocar sons no formato mp3, que houve a junção das duas palavras, iPod com broadcast, nascendo, assim, o termo podcast.

Os aspectos de uma acessibilidade mais simples e fluida, de fato, contribuíram para a atual popularização do gênero. E, neste artigo, coadunamos com Marcuschi, para quem gêneros são “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (2003, p. 25).

Geralmente organizado em episódios, o *podcast* apresenta a possibilidade de ser escutado em diversos dispositivos. Soma-se a

isso a expressiva variedade de temas de interesse de diversos ouvintes, além da capacidade de compartilhar informações e debater-las através de uma linguagem que costuma ser mais dinâmica e próxima do público.

Dentro de um viés mais taxonômico, definir o *podcast* como gênero, mídia, suporte ou canal não é uma tarefa nada tranquila. Nesta pesquisa, no entanto, comunga-se com Villarta-Neder e Ferreira no entendimento do *podcast* ao afirmar que “tal gênero [*podcast*] presente no mundo digital, pode ser construído a partir de textos, vídeos ou áudios, sendo, no entanto, predominante a postagem de áudios” (2020, p.37), configurando-se, pois, como texto multissemiótico. Para mais, tal gênero pode ser entendido como um hipergênero, ao passo que “comporta um agrupamento de diferentes gêneros de texto” (Brito; Costa-Maciel, 2023, p.135). Podem constituir o *podcast*: uma entrevista, uma narrativa oral, um debate, uma exposição oral sobre determinado assunto etc. Nessa perspectiva, legitimamente ele se revela como um texto muito fértil para o trabalho pedagógico e como um instrumento de ensino que envolve múltiplas possibilidades que podem contribuir para a compreensão de diferentes práticas sociais de linguagem nos diversos contextos de usos da língua.

A pesquisa aqui apresentada teve como objeto podcasts produzidos por alunos de uma escola da rede pública do Rio de Janeiro, localizada no município de Itaboraí. O trabalho é parte do estudo desenvolvido pela primeira autora¹ deste artigo, durante o curso de mestrado. A turma escolhida para desenvolver o trabalho cursava o 9º ano do Ensino Fundamental e possuía um total de 34 alunos. As aulas da disciplina de Letramento de Língua Portuguesa foram

1 As demais coautoras foram (co)orientadoras do estudo.

utilizadas para a realização do trabalho de intervenção da pesquisa, exigência própria do programa de mestrado em questão, Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

A intervenção contou com 4 etapas e promoveu, em sala de aula, atividades de leitura, escuta e compreensão de textos. O fio condutor de reflexão foi pautado pela questão dos usos éticos e críticos da tecnologia. Pretendia-se, com isso, ampliar o contato dos discentes com diferentes gêneros discursivos e prepará-los para a culminância da pesquisa: a produção de episódios de *podcasts*. Para tanto, a turma foi dividida em grupos e a cada um deles foi entregue uma proposta embasada em textos escritos e algumas questões motivadoras. Ao cabo e ao todo, foram quatro episódios produzidos pelos próprios discentes na etapa de planejamento.

A partir da transcrição², conforme modelo Jefferson (Loder, 2008), e da análise qualitativa e interpretativista dos dados gerados, saltaram aos olhos das pesquisadoras questões da ordem da organização estrutural do texto oral que eram comuns aos quatro episódios transcritos.

Todos os podcasts dos alunos apresentavam uma organização em quatro fases, a saber: fase 1) abertura, fase 2) definição/caracterização do tema, fase 3) aprofundamento do assunto e fase 4) fechamento (Marques, 2025). E, ao olhar especialmente para as fases 2 e 3 dos podcasts, as autoras verificaram a saliência de uma mesma e específica estrutura de fala e, deste modo, tomaram como objetivos do presente artigo demonstrar: a) o uso comum de sequências

2 Os dados foram gravados mediante autorização dos responsáveis pelos alunos envolvidos na atividade e todos os dados que poderiam levar à identificação dos colaboradores da pesquisa foram devidamente alterados para fins de preservação do anonimato.

de fala sob a forma de narrativas breves, em especial, na definição e aprofundamento do assunto tratado em cada podcast, e b) a emergência destas narrativas como recurso argumentativo, servindo à fala discente como modo de sustentação de seus pontos de vista.

Cumprido dizer que pesquisas recentes em contextos interacionais diferentes, como o de audiências de conciliação (Muller, Vieira, 2020) e o de debate em sala de aula (Abritta, Oliveira e Francisco, 2023), a narrativa oral vem sendo apontada como recurso argumentativo relevante para os participantes destes eventos comunicativos sustentarem suas posições. No presente texto, pretendemos mostrar como esta estrutura da língua emerge articulada às falas dos alunos quando desenvolvem, em sala de aula, o gênero podcast.

Nas seções seguintes, buscaremos, então, apresentar a noção de narrativa oral com a qual operamos; em seguida, demonstrar de que maneira e com que função esta estrutura da língua se mostra nos dados orais analisados, e, por fim, tecer algumas considerações finais sobre as contribuições deste trabalho para o processo de ensino aprendizagem de gêneros orais, em especial, o gênero podcast em sala de aula.

Este trabalho se insere no Dossiê “Oralidade, gêneros orais e ensino: perspectivas, avanços e desafios em diálogo com Luiz Antônio Marcuschi” e coaduna com a perspectiva dos estudos linguísticos sobre a fala propostos pelo homenageado, não só no que toca à análise do gênero textual, no caso, aqui, o podcast, mas também na medida em que joga luz sobre a importância da visão do fenômeno da oralidade sob o viés na Análise da Conversa (AC)³. Como diria Marcuschi:

3 Torna-se relevante destacar que a proposta da Análise da Conversa seminal (norte-americana)

“a conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (1986, p.14), assim temos aí um objeto de estudo de inegável relevância e ao qual a Análise da Conversa Etnometodológica tem se dedicado há décadas.

Trazida para o Brasil por Marcuschi, em 1986, sob o rótulo de Análise da Conversação, este retrato da pesquisa sobre a interação oral, fundamenta-se, originalmente, nas descobertas publicadas nos Estados Unidos por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). O entendimento da oralidade a partir da descrição da estrutura da fala-em-interação e seus modos de organização dentro de uma dimensão contextual sequencial são a base, fornecidas pela AC, para o entendimento do que está acontecendo no aqui e agora das interações de sala de aula analisadas neste trabalho, cujo foco recai essencialmente sobre as narrativas-em-interação e sua função argumentativa na fala discente.

2. NARRATIVAS ORAIS

A narrativa é uma prática altamente regulada (por critérios normativos), não obstante a narração seja um fenômeno natural e universal, formatada por discursos e valores que circulam em uma determinada cultura. A narrativa está em todo lugar, mas nem tudo é narrativa. Uma disposição de diferentes visões de narrativa em um *continuum* (cf. Riessman, 2008), demarcaria, em um extremo, o cânone linguístico laboviano e, no outro polo, a visão antropológica. No

eleger categorias interacionais como objetos de investigação ao passo que a Análise da Conversação (brasileira), pioneira na obra de Marcuschi (1986), opta por olhar para critérios textuais. No entanto, a aproximação de ambas as perspectivas é justificada pela elevação da conversa ao *status* de objeto de pesquisa, um tópico legítimo de investigação linguística e sociológica.

extremo linguístico, tem-se narrativa como uma unidade discreta de discurso, uma resposta de um participante de pesquisa a uma única questão, topicamente centrada e temporalmente organizada. No extremo antropológico, tem-se narrativa como uma história de vida, tecida a partir de tópicos de entrevistas, observações ou documentos (cf. Riessman, 2008). Em suma, não obstante a perspectiva adotada, narrativas abarcam sucessões de ideias ou eventos conectados entre si (Bastos, 2004).

A prática de narrar tem efeitos na interação social que outros modos de comunicação não têm. Narrativas nos revelam identidades, posicionamentos, pertencimento, argumentos, entre outros fenômenos que podem ser alcançados via narração. Nas palavras de Riessman (2008, p. 8), “os indivíduos usam narrativas para lembrar, argumentar, justificar, persuadir, engajar, entreter e até mesmo enganar uma audiência”. Tais funções podem se sobrepor no turno a turno da narração.

Cabe destacar que narrativas sempre se vinculam a um contexto histórico (com seus discursos circulantes e relações de poder) bem como a um contexto local (com uma audiência/ interlocutores particulares). Ademais, a construção de sentidos via narrativa advém desse arranjo interacional e socio-histórico-cultural, não sendo o narrador o único responsável por esse processo.

Acerca de uma das funções realizadas por meio de narrativas e mencionada acima, narradores constroem argumentos através de histórias que contam. Um claro exemplo do funcionamento de narrativas como recurso argumentativo é frequentemente encontrado nos tribunais, quando advogados organizam os fatos na construção de narrativas de modo a reivindicar vantagens para seus clientes e convencer o júri. A favor

dessa construção, habilidades retóricas são convocadas pelos narradores a fim de persuadir e convencer a audiência; afinal, “narrativas operam para convencer a audiência da veracidade, mas as “alegações de verdade”, por seu turno, podem ser questionadas” (Riessman, 2008, p. 9). Esse movimento exibe o caráter interacional das narrativas e das funções que delas emanam assim como faz intervir valores socioculturais na interpretação dos fatos.

A fim de alcançar uma concepção das narrativas em sua relação com o contexto sociocultural, como destaca Cicourel (1980), faz-se necessário construir uma ponte entre microfenômenos, tais como discurso e interação social, e macronoções, a saber: indicadores sociais, valores culturais dominantes e padrões de desigualdade na população, por exemplo. Conforme, Michael Moerman (1996, p. 02), “é na interação que as pessoas encontram, experienciam e aprendem os princípios, as instituições e os ideais que caracterizam sua sociedade e cultura”, sendo cultura “um conjunto – talvez um sistema - de princípios de interpretação, conjugado com os produtos desse sistema” (p. 04). Por conseguinte, “o discurso não é livre de valor, sendo histórico, cultural, social e biograficamente contextualizado, logo, influenciado (e constituído) por questões macro, como por exemplo, valores culturais que não apenas constituem nossa cultura como também determinam nosso discurso” (Oliveira, 2013, p. 35).

Do ponto de vista estrutural, por sua vez, narrativas podem consistir em longos relatos que recapitulam experiências passadas (cf. Labov, 1972) como também podem tomar a forma de pequenas histórias sobre eventos passados, em curso, futuros e até mesmo hipotéticos (cf. Bamberg, 2006; Georgakopoulou, 2006). Em outras pala-

bras, “as histórias pequenas podem ser sobre eventos muito recentes ou em desdobramento, sobre pequenos incidentes que podem (ou não) terem, de fato, acontecido e, o que aqui mais nos interessa, podem ser mencionados para auxiliar ou elaborar um ponto argumentativo que ocorre em uma conversa” (Abritta, Oliveira, Francisco, 2023, p. 7). É exatamente essa a configuração das narrativas aqui analisadas, ou seja, pequenas histórias que constroem argumentos sob influência de contextos social, cultural e interacional, que, ao mesmo tempo, retroalimentam tais narrativas.

Cabe dizer, por fim, que para ser contada a narrativa demanda uma prática não só da ordem do dizer, mas também da ordem do ouvir estórias em conversações espontâneas. “Segundo Sacks ([1968] 1992), na conversação espontânea, o narrador normalmente tem que conquistar espaço e a atenção do ouvinte para contar suas estórias, e o ouvinte tem que permitir que a estória seja contada.” (Bastos, 2004, p.120). Na análise dos dados apresentados a seguir mostraremos a emergência destas histórias, a função que elas cumprem e o modo como os alunos procuram captar a atenção de seus ouvintes para poderem contar suas histórias. O olhar para o contexto sequencial, aquele para o qual Marcuschi (1986) já chamava atenção, onde emergem as sequências narrativas, guiará o processo analítico que passaremos a descrever a seguir.

3. NARRATIVAS ORAIS BREVES E SUAS FUNÇÕES NA FALA DE ALUNOS EM UM PODCAST

A partir da análise dos quatro episódios de podcasts produzidos pelos discentes ao longo do trabalho realizado em sala de aula, notou-se que todos apresentavam quatro fases

distintas. A fase 1, denominada como a fase de abertura, cumpre a tarefa de apresentação tanto dos participantes como do próprio podcast. Para tanto, as ações que caracterizam tal fase são saudações, identificação (dos apresentadores e do podcast) e vinheta (composta por fundo musical instrumental). A fase 2 de caracterização do tema define o assunto que será abordado durante o episódio. Já a fase 3, nomeada como aprofundamento do assunto, efetua a discussão do tema. Nos episódios analisados, tal discussão foi conduzida pela sequência do par pergunta/resposta, por comentários no estilo bate-papo ou ainda por questões retóricas destinadas ao próprio interlocutor ou mesmo à audiência. Por fim, a fase 4 de fechamento sinaliza para o ouvinte o encerramento do podcast, sendo, portanto, tal fase composta de ações como saudações de despedida, vinheta e mensagem final.

Tendo em vista a noção das narrativas, âmbito deste trabalho, concentramo-nos, nesta análise, em apenas duas fases: na fase 2 (definição/caracterização do tema) e na fase 3 (aprofundamento do assunto). Isso porque essas foram as fases em que as narrativas emergiram de forma mais saliente. Isto posto, a seguir evidenciamos como tais fases são construídas nos episódios.

3.1 A fase 2: definição/caracterização do tema

No excerto abaixo, observamos como os alunos do episódio “O uso da IA, machismo e racismo na escola⁴” estabelecem a fase de definição do tema para o ouvinte. Estrutu-

4 O assunto explorado neste episódio foi como o uso da Inteligência Artificial pode ser perverso e até mesmo criminoso. A partir de uma situação em que fotos de estudantes nuas foram criadas com o uso de IA e divulgadas por alguns colegas de classe, os participantes do podcast refletem como o machismo e o racismo perpassam esse e outros casos por eles vivenciados.

rado como um *podcast* de bate-papo, nele, os participantes Paulo Afonso, Aila Vitória, Emanuela, Micaela e Hannah⁵ discutem sobre a temática do uso da inteligência artificial relacionada ao machismo e ao racismo dentro da escola.

Excerto 1 “O uso da IA, machismo e racismo na escola”

1 2	Paulo Afonso	>fé meus amigo< (.) > fé meus amigo:< boa tarde, quem tá falando aqui é o Paulo Afonso.
3	Aila Vitória	meu nome é Aila Vitória, eu sou da cinco dois
4	Emanuela	oi gen:te, meu nome é Emanuela (.) eu sou da cinco dois
5	Micaela	oiê↑ meu nome é Micaela
6	Hannah	oi: meu nome é Hannah
7	Paulo Afonso Aila Vitória Emanuela Micaela Hannah	[so:mos do Educacast↑] ((fundo musical instrumental))
8 9 10 11	Micaela	o tema desse podcast ocorreu na Barra da Tijuca, no Colégio Santo Agostinho (.) alguns meninos, junto com o inteligente artificial, criaram nudes falso (.) as vítimas foram cerca de vinte e cinco meninas, e um deles aborda que não seria punido, pois é branco e rico ⁶
12	Emanuela	primeiro pon:to desse tema é a: <inteligência artificial>

Nas linhas 8 a 11, emerge uma narrativa, contada pela participante Micaela, que estabelece, assim, a fase de definição do assunto do episódio. Nessa narrativa, Micaela contextualiza o ouvinte em relação ao que vai ser discutido. Os eventos presentes em uma sequência temporal que caracterizam tal fragmento como narrativa são: (1) alguns meninos criaram fotos de nudez falsas com ajuda da I.A.; (2) cerca de vinte e cinco meninas da escola foram vítimas; e (3) um dos meninos afirmou que não seria punido.

Logo, a história contada por Micaela é apresentada para a audiência como eixo central do episódio. Seu sumário “o tema

desse *podcast*” e sua orientação “ocorreu na Barra da Tijuca, no Colégio Santo Agostinho” prepara o ouvinte para a narração, já que Micaela utiliza o verbo “ocorreu” e localiza espacialmente a ação (na Barra da Tijuca, no Colégio Santo Agostinho), que só será narrada posteriormente. Deste modo, há o estabelecimento do enquadre narrativo, em uma dêixis catafórica, na medida em que a interagente cria, no ouvinte, além de uma certeza de que uma história será contada em seguida, também uma expectativa para saber o que “ocorreu”.

No próximo excerto, que pertence ao episódio “*Fake news e vacina*”⁷, também percebemos a emergência de narrativas na fase 2.

5 Todos os nomes aqui utilizados são fictícios. Foram alterados para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

6 Notícia disponível em: <https://extra.globo.com/rio/casos-de-policia/noticia/2023/11/um-deles-afirmou-que-nao-seria-punido-porque-e-branco-e-rico-diz-mae-de-aluna-de-colegio-na-barra-que-teve-nude-falso-divulgado.ghtml>

7 Neste episódio, fake news foi o assunto abordado pelos interagentes. Tendo em vista a alta propagação das notícias falsas no período da pandemia de Covid 19, se refletiu acerca das consequências das fakes e os cuidados com a informação nos dias atuais.

Neste podcast, os alunos Vagner, Emanuel e Yan refletem sobre a publicação de notícias falsas, sobretudo, relacionadas ao período da pandemia da Covid-19 e à vacina.

Excerto 2 “Fake news e vacina”

1 2 3	Vagner	((fundo musical instrumental)) >boa tarde pessoal< meu nome é Vagner Ricardo estamos aqui começando esse podcast de hoje, estou aqui com, Emanuel
4 5	Emanuel	boa tarde gente, meu nome é Emanuel Pires e hoje eu também vou ajudar aqui nesse podcast, e o Yan
6 7	Yan	boa tarde, meu nome é Yan Costa e eu vou acompanhar esse podcast com vocês hoje
8 9 10 11 12 13 14 15 16 17	Vagner	e vamos falar hoje sobre: a fake news (.) é um tema muito, muito visto na internet né hoje em dia, sobre a fake News né, que: notícias fakes, são repercussões de pessoas que não vão atrás de- se for é, não vão atrás de- como é que eu posso falar? como é que eu posso falar Yan? é não vão atrás de se informar sobre o assunto, não vão atrás de se informar se são verdade, né? e sai publicando também, sai fazendo um aquele negócio tem um engajamento muito grande na internet, assim acontecendo que muitas pessoas sem saber da- disso, da verdade, acaba acreditando, foi como também o negócio da vacina da da =
18 19 20 21 22 23 24 25	Yan	=da vacina(.) a questão da vacina que a gente teve sobre a pandemia, nessa época, foi que a questão que começou a ter muita fake news enquanto pr- a vacina estava sendo produzida e quando chegou nas aldeias indígenas, como está n- na notícia, o que aconteceu? estavam dizendo que poderia até ser letal a vacina ou poderia transformar as pessoas em jacaré ⁸ , que foi uma grande fake news, mas acabou sendo repercutida por muitas aldeias e até mesmo dentro das cidades
26 27 28 29	Vagner	foi tanto por por brincadeira né, uma brincadeira que começou, o pessoal não se informalizou e ficou brincando, postou na internet e surgiu a fake news e muitas pessoas acreditaram, o que você tem a opinar sobre isso?

Ao introduzir o tema “fake news” (linha 8), o interagente Vagner tenta defini-lo para o ouvinte primeiramente fazendo uma meia tradução da expressão (“notícias fakes”) e, posteriormente, recorrendo a uma narrativa para conceituar o termo nas linhas 10 a 16. Tal fragmento se caracteriza como uma narrativa já que apresenta três eventos em uma sequência temporal: (1) as pessoas não

se informam; (2) publicam; e (3) outras pessoas acreditam na informação publicada. A narrativa em questão emerge com uma função discursivo-argumentativa⁹: apresentar um dado factual caracterizador de uma definição. Em seguida, Yan engata a fala – de modo a colaborar na construção do episódio – na segunda deixa de Vagner, dada atra-

8 Notícia disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticias-falsas-sobre-vacina-deixaram-indigenas-com-medo-de- virar-jacare-mudar-de-sexo-ate-de-morrer-mostra-documento-do-ministerio-da-saude-25094953>

9 Assumimos aqui com Schiffrin (1987) uma abordagem interacional da fala argumentativa, constituída por: posição, disputa e sustentação. No Brasil, os estudos de Muller e Vieira (2020) ilustram esta abordagem e aprofundam o uso da narrativa como recurso argumentativo.

vés da hesitação. Nesse momento emerge a segunda narrativa do episódio nas linhas 18 a 25. A sequência temporal de dois eventos caracteriza esse fragmento como narrativa: (1) surgimento de *fake news* no período de produção da vacina (2) as *fake news* chegam a aldeias indígenas e circulam nas cidades. Observa-se que essa história funciona como uma exemplificação da primeira narrativa

feita por Vagner. Logo, se percebe a narrativa de Yan também como um argumento suporte para a definição anteriormente oferecida por Vagner do termo *fake news*.

No excerto a seguir vemos como no episódio “Padrões de beleza e redes sociais¹⁰” as participantes Josiana, Lívia e Tamara também constroem a fase 2 – definição do assunto – por meio de uma narrativa.

Excerto 3 “Padrões de beleza e redes sociais”

6 7	Lívia	e antes de darmos as nossas opiniões, vamos falar um pouco sobre o assunto para vocês entenderem melhor
8 9 10 11	Josiana	“Rafaella Santos irmã de Neymar foi um dos destaques do desfile do Acadêmicos do Salgueiro no último domingo de carnaval (.) a influenciadora veio como uma das musas da tradicional escola de samba do bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro” (leitura da notícia ¹¹)
12 13 14 15 16 17	Lívia	“contudo a presença dela foi bastante criticada por alguns internautas (.) em postagens de páginas que a comparavam as fotos com e sem edição (.) alguns internautas comentaram arduamente a diferença do corpo de Rafaella em fotos postadas do que o visto pela televisão durante o desfile (.) os telespectadores apontaram o uso abusivo do Photoshop” (leitura da notícia)

Nas linhas 6 e 7, Lívia realiza um pré-anúncio da temática a ser discutida no episódio: “e antes de darmos as nossas opiniões, vamos falar um pouco sobre o assunto para vocês entenderem melhor”. Esse prelúdio de Lívia antecipa para o ouvinte que no próximo turno será contada uma história e estabelece, assim, para a audiência, o enquadre narrativo. Logo, a história emergida a partir de então, contada por Josiana nas linhas 8 a 11, contextualiza o ouvinte sobre o assunto a ser discutido no episódio. Nas linhas 12 a 17, Lívia retoma o turno de fala para dar sequência à mesma história contada por Josiana, em um processo de conarração, que o contexto sequencial exhibe. A sequência de fatos que compõem essa narrativa são: (1) Rafaella foi destaque de uma escola de samba; (2) internautas criticaram a diferença

entre o corpo mostrado nas redes sociais e o visto na Sapucaí.

O próximo excerto corresponde ao início do episódio intitulado “Racismo nas redes¹²”, cujos participantes são Natália, Kauã, Isadora e Alana. Nele, de fato, podemos identificar as três primeiras fases observadas nos *podcasts* produzidos:

10 Neste episódio, o assunto abordado foi: como as redes sociais não só influenciam o consumo das pessoas, mas também reforçam padrões de beleza inacessíveis ou até mesmo inexistentes.

11 Disponível em: <https://istoe.com.br/rafaella-santos-irma-de-neymar-e-alvo-de-criticas-por-foto-de-internet-e-realidade-na-sapucaí/>

12 O assunto explorado neste episódio foi o racismo que atualmente está presente nas redes sociais. A partir de um ataque sofrido por um menino de três anos, os participantes refletem como o racismo é cruel afetando, assim, profundamente suas vítimas.

Excerto 4 “Racismo nas redes”

1	Natália	((fundo musical instrumental))	
2		oi, eu sou a Natália Dantas e levantaremos pautas importantes sobre a nossa	
3		sociedade (.) atualmente um caso que chocou o Brasil, foi um menino de três	
4		anos que foi alvo de sequências de ataques racistas pela internet, depois de	
5		sua família publicar uma foto sua ¹³ (.) você deve estar se perguntando o que	
6		acontece com essas pessoas para atacar uma criança de apenas três anos? mas a	
7		pergunta não deveria ser essa (.) a pergunta deveria ser porque ainda há racis-	
8		mo em nosso meio, em nossa >sociedade<? sinceramente, há muitas partes na	
9		história com falha no mesmo erro (.) o racismo (.) a gente consegue ver desde	
10		a antiguidade, não só aqui no Brasil, mas pelo resto do mundo inteiro que o	
11		racismo é uma marca que a gente pode lavar, pode tentar tirar, mas ela não sai	
12		(.) ela vai ficar sempre ali (.) a gente tenta de várias formas tentar combater o	
13		racismo (.) e el- tem como sim (.) é só as pessoas realmente quererem mudar (.)	
14		mas agora, como é que muda a mente de uma pessoa que já tá tão acostumada	
15		a tratar a outra como um ser qualquer (.) não como um ser vivo, mas sim como	
16		um ser que pode ser descartável, quando bem quiser (.) e a pergunta que eu	
17		faço não só para os meus ouvintes, mas também para a nossa bancada aqui é	
18		como vocês acham que podemos combater o racismo?	
19			
20			
21	Alana	cara, é triste, né (.) uma criança de: três aninhos sendo: vítima de racismo sabe,	
22		na internet	

O início deste excerto manifesta a Fase 1. Enquanto abertura do episódio, esta fase se materializa textualmente com a vinheta (l. 01) e a introdução de uma das apresentadoras “oi, eu sou a Natália Dantas” (l. 02).

A Fase 2 vem na sequência com a definição do assunto, entre as linhas 3 a 5: “atualmente um caso que chocou o Brasil, foi um menino de três anos que foi alvo de sequências de ataques racistas pela internet, depois de sua família publicar uma foto sua”.

De todos os *podcasts* produzidos, este é o que apresenta uma distribuição de turnos de fala entre os interagentes mais assimétrica. A fala de Natália prevalece na maior parte do episódio com longos turnos, enquanto os demais interagentes possuem turnos bem mais breves. As narrativas que emergem neste *podcast*, são todas produzidas por essa mesma participante.

Observa-se que, no fragmento que corresponde à fase 2, há a apresentação do tema do *podcast*. Assim, como se notou nos

outros episódios, é nessa fase que emerge a primeira narrativa: “foi um menino de três anos que foi alvo de sequências de ataques racistas pela internet, depois de sua família publicar uma foto sua” – linhas 3 a 5. Tal narrativa apresenta os seguintes eventos: (1) publicação de foto de um menino de três anos por sua família; (2) menino é vítima de ataques racistas na internet.

Esta narrativa apresenta a função de contextualizar o ouvinte sobre o assunto abordado. A história propriamente dita, isto é, a complicação da narrativa, é contada após a sequência “atualmente um caso que chocou o Brasil” (linha 3), que funciona como um convite para o ouvinte escutar a história. “Segundo Sacks ([1968] 1992, 1972), na conversação espontânea, o narrador normalmente tem que conquistar espa-

13 Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/26/menino-de-3-anos-e-alvo-de-ataques-racistas-na-internet-uma-estaca-no-meu-peito-diz-mae.ghtml>

ço e a atenção do ouvinte para contar suas histórias, e o ouvinte tem que permitir que a história seja contada.” (Bastos, 2004, p.120).

Natália, assim, orienta a escuta do ouvinte para a narrativa, não só ao classificar esse caso como uma das “*pautas importantes*” (linha 2), como também com o uso do verbo “*chocou*”. Somente a partir dessa contextualização com a narrativa da fase 2, é que a fase de aprofundamento do assunto poderá começar.

Nota-se, então, que, no gênero podcast, desenvolvido pelos alunos, a narrativa oral emergiu como recurso comum na fala dos discentes e operou no sentido de auxiliar argumentativamente na construção da definição do assunto de cada um dos episódios construídos. Agora vejamos como ela aparece no aprofundamento do assunto e com que finalidade.

3.2 A fase 3: aprofundamento do assunto

Ainda acerca do excerto anterior - excerto 4 “*Racismo nas redes*”, observa-se que a partir da linha 5 se estabelece a fase 3 de aprofundamento do assunto já anteriormente apresentado na fase 2. Para tanto, nesse episódio, o uso de perguntas majoritariamente retóricas na condução das reflexões apresentadas é predominante na fala de Natália. E é exatamente em resposta a essas questões que emergem as pequenas narrativas cuja função muitas vezes está no estabelecimento de exemplificações, como forma de sustentação de argumentos.

Assim, em resposta à questão “*porque ainda há racismo em nosso meio, em nossa*

>sociedade<?” (linha 8), emerge a narrativa : “*a gente consegue ver desde a antiguidade, não só aqui no Brasil, mas pelo resto do mundo inteiro que o racismo é uma marca que a gente pode lavar, pode tentar tirar, mas ela não sai (.) ela vai ficar sempre ali*” (linhas 10 a 13). Trata-se de uma narrativa que apresenta função argumentativa, de modo a sustentar a tese “*sinceramente, há muitas partes na história com falha no mesmo erro (.) o racismo*” (linhas 9 e 10), e, nela, Natália utiliza uma analogia do racismo que é visto como uma mancha que não sai, transmitindo, assim, para a audiência a dificuldade de se combater esse tipo de preconceito na sociedade. Tal narrativa se configura a partir dos seguintes eventos em sequência temporal: (1) lavar a marca do racismo; (2) a marca não sai. Ainda que não conte exatamente um evento específico, a narrativa relata um padrão de um fenômeno sócio-histórico, e cumpre a função de sustentar a tese de que o racismo, como sistema histórico e social, é uma marca estrutural que resiste aos esforços individuais e superficiais para ser eliminado.

Já, no próximo excerto, observamos o estabelecimento da fase 3 no episódio “*O uso da IA, machismo e racismo na escola*”. Nele, a fase de aprofundamento do assunto se baseia em um formato de bate-papo em que os interagentes alternam os turnos de fala de maneira bastante natural e fluida. Desta forma, a partir da reflexão sobre um dos pontos discutidos pelos participantes do episódio (o machismo), emerge também uma narrativa.

Excerto 5 “*O uso da IA, machismo e racismo na escola*”

16	Micaela	segundo ponto são os preconceitos abordados
17 18 19	Aila Vitória	o primeiro que a gente vê de cara, as:sim, é o machismo, né? (.) que um meni:no <vaza a foto de uma menina> nua, é o puro suco da misogini:a (.) né verdade, Paulo?

20	Paulo Afonso	é verdade sim:, pois o que ele fez muito errado aí, entendeu? essas coisas não se faz com uma menina, e ele tá muito errado (.) pô se fosse com minha filha (.) eu não ia gostar, ia ficar bem chateado (.) como ela também ficou bem chateada com essa causa aí, entendeu? eu não ia gostar, bagulho ia ficar de verdade, entendeu? eu ia querer pegar a imagem, ia querer saber quem fez isso, ia na direção dele cara a cara pra falar com ele (.) se não desse em nada, ia na: na polícia, entendeu? (.) se não resolver também, nós vai pro tribunal
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		

Ao destacar o machismo, como primeiro preconceito percebido na narrativa tema do episódio, Aila Vitória classifica a ação de “*um meni: no <vaza a foto de uma menina> nua*” (linhas 18) como “*puro suco da misogini: a*” (linhas 18 e 19). Ela finaliza seu turno de fala, selecionando o próximo falante Paulo Afonso com o questionamento “*né verdade, Paulo?*” (linha 19). Há aí uma preferência pela concordância (Gastaldo; Watson, 2015), a qual Paulo Afonso corresponde ao afirmar que “*é verdade sim*” (linha 20). Em seguida, Paulo avalia que “*o que ele fez muito errado aí, entendeu? essas coisas não se faz com uma menina, e ele tá muito errado*” (linhas 20 e 21).

A partir deste momento, nas linhas 21 a 27, emerge uma narrativa contada por Paulo de modo a sustentar a tese de que a atitude é muito errada. Tal narrativa é constituída dos seguintes eventos em uma sequência temporal: (1) ficar chateado; (2) pegar a imagem; (3) descobrir o autor do crime; (4) confrontar o autor; (5) ir à polícia; e (6) ir ao tribunal.

Nessa narrativa, Paulo se projeta em um cenário hipotético como pai de menina e é a partir desse posicionamento que ele desenvolve sua história. Convém observar que a orientação dessa narrativa (“*pô se fosse com minha filha*”) além de contextualizar a sequência de eventos que será narrada sob a forma hipotética, traz um conjunto de avaliações realizadas na narrativa, (*eu não ia gostar, ia ficar bem chateado (.) como ela também ficou bem chateada com essa causa aí, entendeu?* – linhas 21 e 22) e, assim, indicia “o sentido como os acontecimentos devem ser entendidos” (Bastos; Biar, 2015, p.106). Assim, tais avaliações, de fato, contribuem na função argumentativa da história ao sustentarem a classificação atribuída por Paulo ao ato em questão – o vazamento de foto de uma menina nua - como um ato machista e misógino.

No excerto a seguir, que pertence ao episódio “*Fake news e vacina*”, se inicia a fase 3 deste *podcast*, estruturado como um *podcast* informativo:

Excerto 6 “*Fake news e vacina*”

76	Vagner	bem, a segunda pergunta então é: vou fazer para o Yan, né (.) você acha que essas notícias sobre a fake news da- da vacina afeta pessoas no particular ou no unânime? tipo com todas as pessoas
77		
78		
79	Yan	cara, o que acontece? pode acontecer muito variamente, mas: é mais provável a coletividade, por quê? porque uma pessoa sabendo da fake news, ela vai pensar não, isso aí é real, eu vou passar para o meu amigo (.) e assim vai sendo por diante, aí o amigo vai falar pra mãe, a mãe vai falar pras amigas, aí as amigas vão falar pro seus- pros seus noivos, sabe? então vai al- alguma coisa muito coletiva, esse negócio sobre a fake news
80		
81		
82		
83		
84		
85		

Neste episódio, a fase de aprofundamento do assunto é estruturada em um *ping pong* de perguntas e respostas entre os apresentadores. Nas linhas 76 a 78, vemos uma dessas perguntas. Tal questão é direcionada a Yan, que defende a tese de que é mais provável que as notícias falsas afetem a sociedade coletivamente. Para sustentar seu ponto de vista, Yan responde à pergunta de Vagner narrando uma história, linhas 80 a 85. Nota-se que os eventos que caracterizam a sequência temporal da narrativa podem ser assim identificados: (1) uma pessoa sabe da notícia falsa; (2) toma-a por verdadeira; (3) passa para o amigo; (4) amigo fala para mãe; (5) mãe fala para as amigas; e (6) amigas falam para seus noivos. Com sua narra-

tiva, Yan sustenta a argumentação de que as pessoas, ao receberem qualquer notícia, não partem do pressuposto de que ela pode ser falsa, de modo que já a compartilham sem a devida pesquisa de confiabilidade.

Por fim, temos a construção da fase 3 também com a emergência de narrativas no episódio “Padrões de beleza e redes sociais”. Estruturado no formato de roda de conversa, esse podcast apresenta uma exposição inicial do assunto (fase 2), seguida por uma sequência de perguntas e respostas que trazem as reflexões das interagentes a respeito da temática em questão (fase 3). Após a contextualização do assunto, no próximo excerto, vemos a emergência das narrativas que caracterizam a fase de aprofundamento.

Excerto 7 “Padrões de beleza e redes sociais”

75 76 77 78	Josiana	Tamara, você acha que o que vemos na internet influencia o nosso consumo de maneira geral? padrão estético, comida, vestuário, lazer e etc (.) me explique com as suas vivências ou experiências conhecidas por você
79 80 81 82 83 84	Tamara	assim eu acho que influencia muito porque: muitas pessoas postam sobre: produtos de beleza, maquiagem, às vezes, principalmente sobre fazer cabelo com uma pessoa que faz muito bem, fazer unha, isso influencia muitas pessoas a procurar aquela pessoa pra fazer isso (.) porque a pessoa faz um trabalho bom, a pessoa gosta, então assim, eu acho que sim influencia muito
85 86 87 88	Lívia	quem nunca também né viu um prato de comida assim muito bonito, que parecia ser gostoso e tals e não procurou o restaurante para comer? eu acho que influencia muito >também acho<, minha opinião é a mesma que a de Tamara

Nas linhas 75 a 78, Josiana direciona uma pergunta a Tamara que responde “*assim eu acho que influencia muito*” (linha 79) e conta uma narrativa nas linhas 79 a 83 de modo a sustentar sua tese. Nessa narrativa, os seguintes eventos se encontram em uma sequência temporal: (1) pessoas postam sobre produtos; (2) influencia outras a procurar os profissionais; (3) a pessoa faz um bom trabalho; e (4) o cliente gosta. Embora

não relate um evento pessoal, a história narra um padrão coletivo, segundo o olhar da narradora, funcionando como argumentação à ideia exposta pela própria Tamara em resposta à pergunta de Josiana.

Alinhando-se à narrativa anterior contada por Tamara, Lívia toma o turno de fala, utilizando dentro de uma pergunta retórica, uma narrativa que também auxilia na sustentação do argumento apresentado por Ta-

mara (“*quem nunca também né viu um prato de comida assim muito bonito, que parecia ser gostoso e tals e não procurou o restaurante para comer?*” – linhas 85 a 87). Percebe-se que, com esse questionamento, Livia realiza uma interlocução mais direta com a audiência, convidando o ouvinte a refletir sobre como o seu próprio comportamento de consumo é influenciado pelas redes sociais. A função argumentativa da narrativa é ratificada no mesmo turno por Livia: “*eu acho que influencia muito >também acho<, minha opinião é a mesma que a de Tamara*” (linhas 87 e 88).

Neste ponto, então, podemos ver que, em todos os podcasts produzidos pelos alunos, as narrativas emergem, na 3.^a fase dos episódios, com a finalidade de sustentar o posicionamento argumentativo dos discentes e auxiliar no aprofundamento do assunto tratado, seja ele qual for. Narrar é então um ato fundamental à argumentação discente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em artigo anterior, citado pelas autoras, Abritta, Oliveira e Francisco já sinalizavam uma questão que aqui também surge como ponto focal:

Que importância os professores dão às pequenas histórias contadas por seus alunos em sala de aula? Que função será que elas cumprem ali no aqui e no agora da interação professor-aluno e, mais, será que teriam um papel relevante no processo de construção de conhecimento dentro do aprendizado de Língua Portuguesa? (2023, p.18)

Nos episódios de podcasts, ora analisados, verificou-se mais uma vez a reverberação de pequenas narrativas enquanto recurso argumentativo para os discentes na produção de seus discursos orais. Seja com a finalidade de definir o assunto a ser tratado no podcast, seja para aprofundar este

assunto; as narrativas breves, hipotéticas ou reais, despontam como um subsídio de que dispõem nossos alunos para operar a tecitura de suas falas e sustentar seus posicionamentos.

Isso nos mostra a importância do desenvolvimento de pesquisas com oralidade em sala de aula, além de chamar a atenção de docentes para a necessidade de operarem uma escuta mais sensível para quando nossos alunos se dispuserem a contar uma história. Também nos parece conduzir para a relevância dos estudos de argumentação oral e a necessidade de uma descrição mais densa das estruturas linguísticas que compõem a fala argumentativa discente. Neste sentido, emerge o papel de destaque que as narrativas operam no espaço da interação em sala de aula, conforme apontam nossos dados sobre o gênero podcast e também a recorrência destas narrativas, com função argumentativa, na fala discente no gênero debate oral em sala de aula, conforme estudo anterior (Abritta, Oliveira e Francisco, 2023).

Dito isso, notamos que os estudos pioneiros trazidos por Marcuschi (1986) para o Brasil sobre a organização da conversa, bem como suas contribuições para o desenvolvimento das pesquisas acerca dos gêneros textuais, ainda hoje, passados quase quarenta anos do primeiro, por exemplo, mostram-se relevantes para a compreensão mais amíúde do aqui e agora da argumentação discente em contexto de sala de aula. A visão sequencial da fala ancora as análises, ao mesmo tempo em que fornece os subsídios para o desenvolvimento embasado de estudos sobre a oralidade. Além disso, o trabalho com o gênero podcast traz para a sala de aula uma oportunidade de se vivenciar a língua e o estudo de seu uso de maneira mais autêntica e naturalística, atrelado a uma prática social formal.

REFERÊNCIAS

- ABRITTA, C. S.; OLIVEIRA, L.M.; FRANCISCO, C.W.M. O uso de pequenas narrativas como recurso argumentativo para a construção de posicionamentos emocionais: uma análise de um debate regrado na aula on-line de Língua Portuguesa durante a pandemia de Covid-19. **Educação, Escola e Sociedade**, Montes Claros (MG), v.17, n.19, p.1-21, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rees/article/view/6483>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- ATHOUGUIA, G. N. F.; DIAS, L. F. Desenvolvendo a oralidade no ensino básico: o videocast em sala de aula. In: ARANHA, S. D. G.; SOUZA, F. M. (Org.). **Práticas de ensino e tecnologias digitais**. Campina Grande: EDUEPB, 2018. Edição do Kindle.
- BAMBERG, M. Stories: Big or small – Why do we care?. **Narrative Inquiry**, 16 (1), 139-147, 2006.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, 7(14), 2004, p.118-127. Recuperado de <https://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12548>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- BASTOS, Liliansa Cabral; BIAR, Liana de Andrade. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. D.E.L.T.A., 31-especial, 2015, p.97-126. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Y8HLKnQRjQs8ZpdHjQY4fqH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025.
- CICOUREL, A. Teoria e método de pesquisa. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1980, 87-121.
- FRAGOSO DE BRITO, V. S.; COSTA-MACIEL, D. A. G. da. Podcast Na Sala De Aula: escutando docentes que atuam na educação de pessoas jovens, adultas e idosas. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 134–143, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/47299>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- GEORGAKOPOULOU, A. The other side of the story: towards a narrative analysis of narratives -in-interaction. **Discourse Studies**. Sage Publication; 8 (2): 235-257, 2006.
- LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LODER, L. L. O modelo Jefferson de Transcrição: Convenções e Debates. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala em Interação Social: introdução à análise da conversa etnometodológica**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008, p. 127-161.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- MARQUES, A. C. S. **Contribuições do gênero podcast para o ensino da oralidade em sala de aula: as diferentes fases deste gênero e o papel argumentativo das narrativas orais emergentes**. 2025. 186f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Departamento de Letras, Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2025.
- MOERMAN, M. **Talking Culture: Ethnography and Conversation Analysis**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996 [1988]. 206p.
- MULLER, A. S.; VIEIRA, A. T. O uso avaliativo de narrativas breves na fala argumentativa dos participantes de uma audiência de conciliação no PROCON. **EID&A – Rev. Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, mai/ago. 2020, v. 2, p. 29-48.
- OLIVEIRA, L. M. **A performance de pessoas com afasia na construção de narrativas em interações face a face em grupo**. 2013. 170f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.
- RIESSMAN, C. K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. California: Sage Publication, 2008. 251p.
- SACKS, Harvey. **Lectures on conversation**. Oxford: Basil Blackwell, 1992 [1968].
- SACKS, Harvey; Schegloff, Emanuel; Jefferson, Gail. A Simple Systematic for the Organisation of

Turn Taking in Conversation. **Language**, 1974, v. 50, p. 696-735.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

VILLARTA-NEDER, M. A.; FERREIRA, H. M. O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissêmico aquém e além da sala de aula.

Letras, Santa Maria, RS, n. 1, p. 35-55, 2020. Edição especial. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148539579>. Acesso em: 3 nov. 2025.

Recebido em: 31/07/2025
Aprovado em: 13/12/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.